
RAZÃO CARTESIANA: E RAZÃO SIMBÓLICA*

J. C. Avelino da Silva**

Resumo: o texto discute o uso do método cartesiano para as Ciências da Religião. Simbolismo e racionalismo são modos bem diferentes de representação da realidade. Em vez de utilizar o método racionalista para compreender o simbolismo, corre-se o risco de utilizar o método para mostrar que a visão simbólica de mundo está errada, o que não compete a um cientista da religião. Respeitando o mito, eu posso utilizar o cartesianismo para duvidar das minhas conclusões sobre o mito, mas não posso utilizá-lo para duvidar da visão de mundo adotada pelo mito.

Palavras-chave: Simbolismo. Racionalismo. Cartesianismo. Ciências da Religião.

Todo esforço de se pensar uma realidade adota um sistema de referência e passa também pela subjetividade de quem está pensando. Eu falo deste lugar: a pós modernidade cartesiana em Goiânia, apesar do meu esforço de adotar um discurso atópico e atemporal. Eu só posso olhar o passado a partir de minhas próprias percepções, a partir da certeza dos meus valores, apesar do esforço para aceitar valores outros que não os da minha formação cultural. Para compreender os valores adotados no mundo grego

* Recebido em: 06.06.2011.
Aprovado em: 16.06.2011.

** Doutor pela Universidade de Paris. Professor no Departamento de Filosofia e Teologia e no Doutorado em Ciências da Religião da PUC Goiás. Membro da *International Association for Greek Philosophy*. E-mail: avelino3@uol.com.br

antigo, na sua pura originalidade, cujas referências que mais se destacam (mas não únicas) eram solução prática e simbolismo, é necessário fazer um esforço de superação dos meus padrões.

Dominados por um mundo tecnológico e cientificista, a tendência natural do estudioso do simbolismo – seja o acadêmico, seja o amador interessado – é contrabandear para o mito uma lógica que não é própria dele. Entretanto, quanto mais racionalidade ele introduzir no simbolismo e em particular no mito, mais eles serão agredidos, já que o simbolismo e o mito são refratários à racionalidade. Não tendo compromisso lógico (lógica cartesiana), qualquer tentativa de enquadrar o mito em uma visão racional nega a possibilidade de compreendê-lo em sua sublime dimensão original. Mais do que refratário, o simbolismo detona com a racionalidade. Que fique registrado, com toda honestidade, a dupla inconsistência do presente texto: o simbolismo não se deixa analisar sob pena de perder sua riqueza e seu potencial e, por outro lado, o simbolismo é forte o suficiente para diluir a razão e impedir qualquer análise racional.

Na tentativa de me redimir do cativeiro cartesiano, eu procuro estabelecer um denominador comum, a realidade natural, social e individual, ponto de partida e de chegada de ambos os métodos que a humanidade se muniu para interpretar o mundo e a vida, a lógica do mito e o cartesianismo. Além disso, a análise racional não é aqui usada para validar ou negar a verdade do mito ou do simbolismo, mas para compreendê-la.

Como ele descreve em seu livro, o ponto de partida de Descartes foi livrar-se de todas as informações de que dispunha. Para isso ele se dispôs a retirar tudo de sua cabeça, para em seguida recolocar os conhecimentos, parte por parte, ponto por ponto, desde que passassem pelo crivo da razão. Ora, quando ele se dispõe a recolocar em sua cabeça os conhecimentos desde que passem pelo crivo da razão, fica evidente que ele não retirou a razão de sua mente. Isso vai caracterizar sua filosofia como racionalista. Quer dizer que, para Descartes, nós nascemos com o dom da razão, a razão é inata no homem, é anterior ao conhecimento.

Pode-se deduzir que, para o filósofo racionalista, no ser humano, a razão é anterior também ao sagrado, já que a idéia de Deus vem de fora, é exterior ao ser humano. A idéia do ser perfeito não pode ter sido criada por nós, seres imperfeitos. Se nós a temos é porque ela nos foi transmitida.

A dúvida sistemática procura estabelecer a evidência com clareza e precisão. A certeza, para Descartes, nasce da dúvida. A verdade é resultado da certeza. Como complemento ou preparatório para a aplicação do método da dúvida sistemática, ele propõe a análise. Na análise, divide-se cada

uma das dificuldades que se apresentam em partes cada vez mais simples, tantas quantas sejam necessárias para que a questão seja resolvida. Como contrapartida da análise, vem a síntese, quando se procura alcançar uma visão de conjunto, ordenando-se os pensamentos do simples ao complexo. E para que não fique nada de fora, deve-se proceder à enumeração; assim fazendo garante-se que nada foi deixado de lado (PESSANHA, 1999, p. 20).

Quando ele se dispôs a duvidar de tudo, ele levou sua dúvida às últimas consequências e se perguntou: eu existo? É uma dúvida que as pessoas não costumam ter, mas fica bem para um filósofo que trata as questões com a radicalidade que elas merecem. Quando ele percebeu que era ele mesmo quem estava fazendo a pergunta, ele disse sua frase mais famosa: penso, logo existo. Com isso ele afirmou a sua existência e, por analogia, a dos demais seres humanos.

Ao observarmos com atenção a sentença, vemos que pensar não é o seu primeiro termo, o “eu”, apesar de oculto na frase, vem em primeiro lugar. Não é por acaso. Ao colocar o sujeito no início, ele procede a um deslocamento relativamente às idéias aristotélicas, idéias ainda dominantes na época do filósofo francês. Aristóteles deixou claro que uma pessoa está com a verdade quando o que existe em sua mente está de acordo com o que existe na realidade objetiva. A realidade (o objeto), para Aristóteles, é o ponto de partida da verdade, ou, dito de forma mais incisiva, a verdade está no objeto. O referente do aristotelismo é a realidade. Verdade é o que está de acordo com a realidade.

Apesar de Aristóteles e Descartes terem fome de realidade objetiva, o filósofo francês viu, na definição do ponto de partida para o estabelecimento da verdade, a principal fonte de erro do método aristotélico e deslocou para o sujeito a fonte da verdade. Vale dizer que Descartes reconheceu que o sujeito pensa com as representações que ele faz da realidade, com o que está em sua mente. E são essas representações que permitem tirar conclusões para se chegar à verdade.

Ao situar a observação da realidade como ponto de partida, Aristóteles colocou o objeto (a coisa) como sendo portador da verdade. Descartes entendeu que o erro de Aristóteles era metodológico e foi procurar a verdade por meio da representação. Assim ele deslocou o ponto de partida da verdade para o sujeito. A questão é de método: a dúvida sistemática questiona as representações e estabelece que a verdade está no sujeito.

Aristóteles representa um momento da evolução da consciência. Bem mais tarde, com Descartes, a coisa (o objeto) já está plenamente con-

figurada (já que a conceituação de sujeito está claramente estabelecida com o avanço renascentista da individualidade) e foi substituída por sua representação racional. Nesse momento, pode-se dizer, interpretando Hegel, que a verdade está no eu. Finalmente Hegel restabeleceu a relação sujeito-objeto como fonte de verdade. Hegel resgatou o mundo de relações em que se vivia quando o cosmo era referenciado ao mito. No pensamento simbólico, os objetos estão sempre, de algum modo, em relação com o ser humano. Para o mito, o fato e a coisa não existem por si mesmos, mas somente na medida em que estão em relação com o homem.

O estudo da relação entre mitologia e individualidade preocupa-se com a base simbólica da experiência vivencial do ser humano. Essa experiência se efetiva no relacionamentocom a natureza, com o outro e com a sociedade. Essa relação (mitologia e individualidade) não pode ser reduzida a referências morais (comportamentais), tampouco à sua dimensão sagrada. O relacionamento do ser humano com a natureza, com o outro e com a coletividade acontece no campo prático e no campo simbólico e vai ser decisivo na formação da individualidade. A dimensão simbólica do ser humano vive em um mundo de relacionamentos.

Qual é a diferença entre o mito e o pensamento hegeliano? No mito, a verdade também está na relação, mas a relação é sobrenatural (está além do natural), as coisas têm ânima, e os deuses fazem a mediação entre o eu e a coisa. Na mitologia, não há representação fiel do mundo objetivo, mas sim uma representação cultural, baseada em valores. O compromisso maior do mito é com os valores culturais. Com esses valores, o mito vê e encontra a realidade. O fato é visto e narrado como deveria ter sido, de acordo com o cosmo adotado por aquela cultura. O mito descreve possibilidades e não a realidade objetiva (aquela que existe independentemente de cada um). Em Hegel a relação se torna racional (considera o mundo objetivo) e consciente (a consciência se relaciona diretamente com o mundo objetivo).

O método de aproximação da verdade adotado por Descartes teve sua importância na afirmação de uma perspectiva de compreensão da realidade que excluía a verdade revelada da verdade científica. Ele separou cosmo (a realidade com significado) e natureza (que é o objeto da ciência e à qual o racionalismo deve ser aplicado). A indicação mais evidente de que esse método continua sendo válido é que ele serve de base para o desenvolvimento da ciência até hoje. O método cartesiano serve inclusive para analisar racionalmente e criticamente os limites do cartesianismo. De certa forma, criticar o cartesianismo com o método cartesiano fortalece o

método, porque fica provado que ele é universal (servindo para todos os campos do conhecimento, inclusive o próprio método).

São muitos os filósofos que pensaram o conhecimento. A comparação entre Aristóteles e Descartes é inevitável, quando se pensa a relação sujeito objeto, cada um dos dois filósofos priorizando um dos aspectos da equação. O mundo moderno concebe o entendimento a partir de uma concepção que nasceu com Aristóteles (que instituiu observação, filtramento e generalização e estabeleceu uma física de constatação) e amadureceu com Descartes, para quem a certeza nasce da dúvida.

Com Aristóteles, o método de observação e generalização permitiu um avanço científico para a época, mas em sua própria época ele se mostrou falho, quando aplicado ao estudo da sociedade. Ao se observar a sociedade ateniense e outras de sua época era possível constatar que as mulheres eram subordinadas ao homem e Aristóteles generalizou: as mulheres são naturalmente subordinadas ao homem. O método, válido para a física (considerando o nível de amadurecimento científico da época), não tinha (nem tem) validade para se estudar a sociedade. Enquanto a física tem leis estáveis, a sociedade segue uma dinâmica histórica em que a cultura está sempre em evolução. O que foi certo ontem pode não ser hoje; o que é válido aqui pode não ser em outra cultura. O método aristotélico não é universal, porque se aplica à física e não às ciências humanas e não ao simbolismo.

A crítica cartesiana ao método aristotélico é, no entanto, dirigida a outro aspecto da questão. O que Descartes não aceitou no método aristotélico não se refere à validade universal do método do filósofo grego. Descartes recusou a perspectiva adotada por Aristóteles na relação sujeito objeto e garantiu que a verdade está no sujeito (e não no objeto).

Além da mudança de método, Descartes fez uma mudança na própria concepção do ser humano. Quando a filosofia moderna equacionou o indivíduo em termos de pensar e existir, “eu penso, logo eu existo”, a humanidade estava realizando um ponto de inflexão na individuação: as diferenças, sem deixar de serem naturais e sociais, tornaram-se também intelectuais. A individuação, o encontro de si mesmo, é também intelectual. Ser é pensamento. A hipótese de não pensar acarreta a não existência. Essa é a maldade que o mundo moderno impôs ao ser humano: além de ser racional, coerente, sem ambiguidades, sem contradições, fiel à realidade objetiva, o ser humano foi reduzido a seu pensamento.

E não era um pensamento qualquer, mas o que permitia a representação fiel da realidade, do objeto, do fenômeno, referenciado ao tempo e ao

espaço, o que implica em fidelidade à contiguidade do espaço e à sucessão dos instantes. O cartesianismo impõe à representação da realidade a obrigação de coerência, a representação deve ser fiel ao objeto. Para cada objeto uma única representação. Duas representações para um mesmo objeto indica incoerência. Com isso, no cartesianismo, há uma obsessiva busca do certo e do distanciamento do erro.

O método cartesiano rejeita a ambiguidade e propõe a univocidade. A dúvida sistemática procura fazer essa passagem, só resiste à dúvida uma idéia ou proposição de significado único. A certeza cartesiana não admite a contradição. Como a desafiar o filósofo francês, a cultura (e, como parte dela, o simbolismo e o mito) não pode viver sem contradição, pois é sempre síntese de um todo heterogêneo, está sempre distante de qualquer homogeneidade e singularidade. A cultura baseia a certeza numa instância que se afirma apesar e além da contradição. Nessa situação, a racionalidade cartesiana se enfarta diante da cultura, mas não morre, por causa de seu valor utilitário para a ciência e para a compreensão da realidade objetiva.

O cartesianismo é muito recente se comparado à longevidade do mito. Com a força de sua juventude, ele fez a crítica capital do mito ao propor outra forma de representação. No entanto, a representação cartesiana não aniquila nem desmente o simbolismo, apenas complementa. Ambas as representações têm significado, cada uma em seu campo de validade.

A razão cartesiana mostra e esconde. Mostra o mundo objetivo por meio de representações e nos esconde de nós mesmo. É a razão simbólica que nos permite compreender a essência do ser humano. Só por intermédio do simbolismo podemos compreender a natureza humana.

Com a racionalidade contemporânea é o ser humano que sai prejudicado em sua própria compreensão e no que se exige dele: espera-se (exige-se) que ele tenha um comportamento coerentemente racional! Mas o ser humano reage, e garante o direito a um mundo pleno de diversidade e simbolismo. O simbolismo é a principal linguagem da cultura e é refratário à razão cartesiana, às relações causais, à prova científica, às categorias certo e errado. A cultura é síntese que alimenta as diferenças e portanto é plena de contradições. Nessas condições, ela é refratária à dúvida, com exceção dos momentos de crise social, em que os valores e o modo de ver o mundo são questionados e entram em processo de reelaboração. O mito baseia sua força na certeza, e o aparecimento da dúvida sobre a verdade que o mito revela é crise, desenraizamento.

O mito é imune à análise, à síntese e à enumeração: se ele for parcelado, ordenado e reunificado, ele deixa de ser mito, pois seu significado que

é sempre totalizante. Análise, síntese e enumeração não são úteis ao estudo do simbolismo. O mito deve ser estudado com uma visão de conjunto que considere a correspondência entre realidade (natural, social e individual), visão de mundo, valores e imagens. O mito precisa ser pensado nas suas relações simbólicas, associado a valores, a outros símbolos e aos sentimentos e emoções que ele transmite.

A razão pré-cartesiana, como era a grega, deve ser colocada no seu contexto histórico, em que começava a aflorar o antagonismo entre destino sagrado e individualidade, entre cosmo olímpico e realidade objetiva. Na razão mítica, a relação entre narrativa e realidade é mediatizada pelos valores. No simbolismo não há contradição entre o verdadeiro e o falso, porque, na visão simbólica de mundo, verdadeiro e falso não são exteriores ao homem. Só conseguimos ver o que acreditamos ser possível e o que desejamos, sendo ou não real, sendo ou não o que se apresenta na objetividade da vida. O homem, bem como a cultura, é, por sua natureza, contraditório. Isso não impede que o homem adote um raciocínio coerente, cartesiano, quando ele trata de ciência, quando ele faz ciência (obtendo maior ou menor êxito).

No simbolismo, não há incoerência entre o verdadeiro e o falso simplesmente porque não existe uma cultura verdadeira e outra falsa¹. A generalização para todos os campos da vida social e individual da oposição verdadeiro/falso é uma imposição cartesiana. É difícil limitar a aceitação do certo e do errado para a física e para a moral.

É comum a idéia de que o simbolismo não tem lógica ou que a razão substituiu o pensamento mítico. Tal afirmação deve-se ao fato de o ser humano contemporâneo estar completamente envolvido pela lógica cartesiana que busca uma completa sintonia com a realidade objetiva. Uma representação só é verdadeira se refletir fielmente a realidade. Essa concepção está sempre presente, orientando o pensamento contemporâneo.

Definindo o campo de validade da vida do homem moderno, o pensamento contemporâneo afirmou a relação de causa e efeito dentro do mesmo campo em que o fenômeno existe, a ordenação sequencial dos instantes, a contiguidade espacial, a relação unicidade/multiplicidade que se estabelece entre conceituação e realidade, a realidade natural como uma imposição inevitável, a relação unívoca entre a realidade e a representação, os acontecimentos seguindo um determinado padrão (uma determinada lei), a teoria como interpretação do mundo e a razão instrumental. Quando se abre mão desses referenciais, saímos da lógica (lógica cartesiana) e entramos no simbolismo.

Os referenciais da lógica simbólica são outros. A lógica não-formal do simbolismo resume-se a referenciais mais simples: o mito dá importância ao que a cultura coloca como importante. O que é importante para a sociedade é preservado, o que não é importante é deixado de lado. Isso vale inclusive para a objetividade da percepção da realidade que é um valor na cultura contemporânea, o que difere da objetividade como método. Daí se pode falar no mito da objetividade científica e no mito da verdade científica. O pensamento moderno tentou em vão colocar a ciência no lugar do simbolismo como interpretação do mundo. Entretanto, não é a ciência que dá significado às coisas (a ciência explica alguns fenômenos), mas sim o simbolismo sagrado que dá significado à vida, inclusive à ciência.

A estrutura do pensamento nas sociedades que interpretavam a realidade exclusivamente por meio do mito é diferente da contemporânea, em que se associam (se somam?) as duas formas de representação da realidade. Dizer que o nosso mundo é racional é só meia verdade. Queiramos ou não, somos seres simbólicos, apesar da ideologia racionalista, apesar de estarmos cartesianamente presos às informações da sensibilidade. O mito é livre. O mito está comprometido em primeiro lugar com as sensações. O mito tem uma lógica que não é a cartesiana, porque adota a relação simbólica que o ser humano estabelece com o mundo exterior.

O mito rejeita acontecimentos e situações que não são portadores de significado social, sendo eles agradáveis ou não. O fato tem significado social (e por isso se transforma em mito), quando contribui para a inserção do ser humano na sociedade, estruturando as relações sociais, organizando daquele tipo de pensamento. O fato tem significado social, quando alimenta uma função social, quando contribui para a compreensão de que o mundo hoje é resultado do de ontem e, portanto, o amanhã seguirá o mesmo rumo (e Zeus mantém a ordem do cosmo!). Segundo Eliade (1998, p. 11), “o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir...”. É também função do mito projetar os temores bem como as esperanças de que o paraíso é possível.

Assim como a razão aristotélica não se aplica às chamadas ciências humanas, a razão cartesiana não se aplica ao simbolismo. Não é só porque o mito é verdade que não se aplicam as categorias certo e errado ao mito, mas porque o simbolismo está além dessas categorias. Dar importância ao que é importante está além do certo e do errado.

Além disso, desde Platão (2002), não nos resta outra alternativa senão usarmos a razão como um instrumento que visa atingir objetivos. Platão tinha em mente nobres objetivos: sociedade e comportamento hu-

mano mais justos. Nada impediu que o pensamento então deixou de ser livre e passou a se comprometer com o fim, com o objetivo. Esse padrão (a razão instrumental), complementado por outras importantes reflexões do filósofo grego, estando presente até hoje, justifica a afirmação de que o pensamento platônico constitui uma das bases do mundo contemporâneo.

O mito não é finalista. Se o mito existe, é sinal de que ele tem uma função social. No entanto, a função do mito não é finalista, podendo servir para manter valores, para explicar como as coisas tornaram-se o que são ou para preencher um vazio. Ele se justifica, mesmo não tendo um objetivo, um lugar onde chegar. O pensamento mítico não caminha por uma trilha, mas pelo campo aberto. Quando o mito procura explicar/justificar uma realidade objetiva ou subjetiva, ele se vincula ao presente e ao passado, deixando o futuro livre. No mito, o futuro depende do que os deuses definem, ficando os homens proibidos dessa opção. Se o mito não está vinculado a objetivos, ele está comprometido com a manutenção dos valores e do cosmo em que ele se insere. Nessa medida, ele é conservador.

Talvez aí se situe um importante diferencial entre o mito e Platão, que coloca a razão em sintonia com a intenção, com objetivos a serem alcançados, ou seja, com o futuro. Vencer no enfrentamento com o outro foi o primeiro projeto de vida que o ser humano adotou, apesar de, na Grécia Antiga, esse projeto estar camuflado pelo véu da vontade de Zeus. É Zeus quem decide que tal guerreiro vai se portar como herói e vencer o inimigo. Platão tira o véu, dizendo que cada um é responsável pelos seus atos. Com isso, ele subtrai de Zeus esse atributo. O enfrentamento na filosofia de Platão é ser justo diante do outro. Vencer o outro é projeto de vida indissociável da individualidade.²

Pelo fato de o ser humano ser reduzido a seu pensamento e esse pensamento rejeitar a contradição e a incoerência, o método cartesiano introduz um conflito entre o ser humano e a cultura. Como pensar com coerência se o ser humano existe em uma cultura que, por sua própria natureza, é contraditória? Isso é possível somente quando se relegam as emoções, os sentimentos, a espiritualidade e o próprio livre pensar a uma posição secundária ou desprezível. O ser humano se caracteriza por sua riqueza, criatividade e variedade, distante portanto da pureza de um pensamento sem contradição. É lugar comum dizer que o mito inibe o pensamento. Em realidade é a razão instrumental que aniquila o pensamento, reduzindo-o a um instrumento.

O dilema está colocado: a certeza cartesiana não admite contradição e a cultura é síntese em que convivem as diferenças e portanto é plena de

contradições. O dilema se complica quando a gente se lembra de que o cartesianismo também faz parte do mundo contemporâneo. Nosso pensamento encontra-se domesticado por milênios de vida social e por séculos de racionalismo cartesiano. Séculos de civilização moldaram nossa maneira de pensar e é inconcebível a idéia de vivermos o mundo de hoje sem esse alicerce lógico. A conciliação entre simbolismo e cartesianismo, no entanto, se faz em detrimento de um dos aspectos desse conflito (ora o simbolismo é rejeitado, ora o cartesianismo é deixado de lado). Isso traz prejuízo à integralidade do ser humano.

CONCLUSÃO

É muito difícil desenvolver um trabalho acadêmico sobre o simbolismo, pois o mais importante instrumento metodológico que nós da modernidade temos para compreender os fenômenos é o racionalismo, cuja versão atual foi estabelecida por René Descartes (1596-1650). Sem dúvida, Descartes deu uma grande contribuição à ciência ao estabelecer as bases do método científico moderno. A regra básica apresentada no *Discurso do Método* (Descartes, 1937) é o da dúvida sistemática e universal. A sua utilização, entretanto, para o estudo do simbolismo é delicada, pois simbolismo e racionalismo são modos bem diferentes de se perceber a realidade.

Em vez de utilizar o método racionalista para compreender o simbolismo, corre-se o risco de utilizar o método para mostrar que a visão simbólica de mundo está errada, o que não compete a um cientista da religião. Respeitando o mito, eu posso utilizar o método para duvidar das minhas conclusões sobre o mito, mas não posso utilizá-lo para duvidar da visão de mundo adotada pelo mito. A dúvida sistemática, fonte da verdade em Descartes (só é verdade o que resiste à crítica), não se pode aplicar ao mito, embora possa ser aplicada ao estudo do mito.

Não se aplicam os critérios de certo e errado aos símbolos; a interpretação depende de cada um, só nos cabe entendê-la, fundamentá-la e associá-la a outros símbolos. Entender um símbolo é intuir o seu significado. Interpretar um símbolo é transferir seu significado para outro de compreensão mais imediata ou mais geral. Ao associar símbolos, eles se tornam mais compreensíveis e autênticos. É sempre possível aproximar-se do significado mais profundo do símbolo, apesar de o significado completo ser inatingível, pois o mito tem sempre uma reserva de sentido.

Enfim, para se compreenderem o simbolismo e o mito, é preciso negar a análise cartesiana, mas aceitar o estudo racional que respeita a

estrutura, as características e os valores inerentes ao simbolismo e ao mito. A análise cartesiana não serve para estabelecer a verdade do mito, mas para identificar qual é a verdade que o mito revela. O estudo do mito deve partir da aceitação de que mito é verdade. Quem estabelece a verdade do mito é a cultura da qual ele participa.

CARTESIAN REASON AND SYMBOLIC REASON

Abstract: The paper discusses the use of the Cartesian method for the Sciences of Religion. Symbolism and rationalism are very different ways of representing reality. Instead of using the rational method to understand symbolism, it runs the risk of using the method to show that the symbolic vision of the world is wrong, which is not the responsibility of a scientist of religion. Respecting the myth, I can use Cartesian method to doubt my conclusions about the myth, but I cannot use it to question the world view adopted by the myth

Keywords: Symbolism. Rationalism. Cartesianism. Religious Sciences.

Notas

- 1 Isso não quer dizer que não haja comportamento social prejudicial ou benéfico ao indivíduo ou à sociedade.
- 2 Quando um grupo se impõe sobre outro, isso faz parte do instinto gregário dos animais que vivem em grupo. Mas quando um indivíduo se impõe sobre outro (no combate ou buscando a vida justa), isso está no campo da individualidade, do projeto de vida, da visualização de um futuro que o mito esconde.

Referências

- ARISTÓTELES. *A Política*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- ARISTÓTELES. *Arte Poética*. In: Aristóteles, Horácio, Longino, *A Poética Clássica*. São Paulo: Editora Cultrix, 1997.
- BRANDÃO, J. de S. *Mitologia grega*. Vol. I. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1993.
- BRANDÃO, J. de S. *Mitologia grega*. Vol. II. Petrópolis: Vozes, 1987.
- BRANDÃO, J. de S. *Mitologia grega*. Vol. III. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1992.
- BRANDÃO, J. de S. *Teatro grego: tragédia e comédia*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

- CASSIRER, Ernst. *Ensaio sobre o Homem*: introdução a uma filosofia da cultura humana. Tradução de Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- DA SILVA, J.C. Avelino. *A deusa Mãe minóica*. Goiânia: Ed. da UCG, 2007a.
- DA SILVA, J.C. Avelino. Dialectics and education. In: BOUDOURIS, K.; KALIMTZIS (Ed.), *Paideia*: Education in the Global Era. Atenas: IoniaPublications, 2008b.
- DA SILVA, J.C. Avelino. *O Sagrado e a Individualidade*. Goiânia: Ed. da UCG, 2009b.
- DA SILVA, J.C. Avelino. The instrument and nature. In: BOUDOURIS, K. (Ed.), *The Philosophy of Culture*, vol. I. Atenas: IoniaPublications, 2006c.
- DA SILVA, J.C. Avelino. *Viagem à Grécia Antiga*. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2009c.
- DESCARTES. São Paulo: Ed. Nova Cultural Ltda, © 1999. Coleção Os Pensadores.
- DESCARTES, R. *Discours de laméthode* : pour bien conduire sa raison et chercher la vérité dans les sciences. Paris: Éditions de Cluny, 1937.
- HEGEL, G.W.F. *Fenomenologia do Espírito*. Parte I. 2. ed. Tradução para o português de Paulo Meneses. Petrópolis: Vozes, 1992.
- HEGEL, G.W.F. *La Raison dans l'Histoire*: Introduction à la Philosophie de l'Histoire. Tradução, introdução e notas por Kostas Papaioannou. Paris: Union générale d'édition – 1018, 1979.
- HEGEL, G.W.F. *Lecciones sobre la filosofía de la historia universal*. Madri: Alianza Editorial S.A., 1982.
- HESIOD. Theogony. In: *Hesiod and Theognis*. Translated and with introductions by Dorothea Wender. Londres: Penguin Books Ltd, 1973.
- HOMÈRE. *Des Héros et des dieux* (Hymnes). Traduit du grec, présenté et annoté par François ROSSO. Paris: Arléa, 1993.
- HOMERO. *A Iliada*. Tradução de Haroldo de Campos. 2. ed. São Paulo: Mandarim, 2002.
- JUNG, C.G. *L'Homme et ses symboles*. Collaborateurs: M.-L. von Franz, Joseph L. Henderson, Jolande Jacobi, Aniéla Jaffé. Título original Man and his Symbols. Paris: Robert Laffont, 1990.
- LABARRIERE, P.-J.; JARCZYK, G. *Les Premiers Combats de la Reconnaissance*: Maîtrise et Servitude dans la Phénoménologie de l'Esprit. Paris: Aubier-Montaigne, 1987.
- MARX, K.; ENGELS, F. *L'idéologie allemande* (1845/46). Paris: Editions sociales, 1970.

- MORRALL, John B. *Aristóteles*. Tradução de Sérgio Duarte. 2. ed. Brasília: Ed. da UnB, 1985.
- NIETZSCHE, F. A Filosofia na Época Trágica dos Gregos. In: *Os pré-socráticos: Fragmentos, doxografia e comentários*. 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978. Coleção Os Pensadores.
- OLIVEIRA NETO, P. A. G. de. *A dialética especulativa do reconhecimento em Hegel: uma leitura da parábola dominação e servidão*. Dissertação (Mestrado) — UFMG, defendida em 24 de julho de 1998.
- OS PENSADORES ORIGINÁRIOS: Anaximandro, Parmênides, Heráclito. 2ª ed. Introdução: Emmanuel Carneiro Leão. Tradução: Emmanuel Carneiro Leão e Sérgio Wrublewski. Petrópolis: Vozes, 1993.
- PESSANHA, José Américo Motta. Descartes: Vida e Obra. In: *Descartes*. São Paulo: Ed. Nova Cultural Ltda, © 1999. Coleção Os Pensadores.
- PINTO, Álvaro Vieira. *Ciência e Existência*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.
- PLATON. *Apologie de Socrate, Criton, Phedon*. Tours (Fr.): Garnier-Flammarion, 1965.
- PLATON. *La République*. Traduction et présentation par Georges Leroux. Paris: GF Flammarion, 2002.
- RACHET, Guy. *Dictionnaire de la civilisation grecque*. Paris: Larousse, 1992.
- VERNANT, Jean-Pierre. *Les origines de la pensée grecque*. 8ª ed. Paris: Quadrige/ puf, 2000.